

SISTEMA FAEP



**Mala Direta
Postal**
9912288584/2011-DR/PR
FAEP
CORREIOS

BOLETIM

INFORMATIVO

A revista do Sistema

Ano XXVIII nº 1253 - 31/03/2014 a 06/04/2014

Tiragem desta edição 24.000 exemplares

SEMENTES

A ALMA DO NEGÓCIO

EXÓTICAS

As Frutas de
Palmas

HISTÓRIA

Petrobras
lambuzada

OPINIÃO

Aquecimento
verbal

Aos Leitores



A propaganda é a alma do negócio, dizem, embora ultimamente neste país o que menos certos personagens de certos negócios que ganham as páginas de escândalos dos jornais e os horários nobres dos telejornais, seja a última coisa desejável (para eles).

Este Boletim, semanalmente, vem ocupando duas de suas páginas com a seção “História”, onde resumidamente são abordados temas relacionados ao passado histórico do nosso estado – principalmente, e outros que não podem nem devem ser esquecidos.

Nesta semana, falamos da Petrobras e seria inesgotável abordar o que essa empresa representou ao Brasil, desde que, pressionado, o presidente e ditador Getúlio Vargas a criou em 1953. De orgulho nacional a Petrobras está trazendo um sentimento de vergonha pelas sucessivas denúncias contendo escândalos. Poderia se perguntar: e o produtor rural com isso? Antes de suar no campo, o produtor é um cidadão e como a absoluta maioria dos brasileiros quer e exige retidão, honestidade e ética no trato dos negócios públicos. Como cidadão e produtor é dependente da Petrobras pelo diesel, a gasolina, os fertilizantes, o asfalto. E os detergentes, um dos multiusos do petróleo.

Índice

Leite Integral	03
Sabores vermelhos	06
Sementes	10
Petrobras	12
Hortifruticultura	14
JAA	18
Opinião	20
Copa do Mundo	22
Seguro Rural	23
Empreendedores	24
Eventos Sindicais	26
Via Rápida	30

Fotos: Fernando Santos, Divulgação, Arquivo FAEP, Marco Giotto e AEN.

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Ivo Polo, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Lisiane Rocha Czech **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon
Editor: Hélio Teixeira | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuel

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Tratamento de recém-nascido

No 4º Simpósio Internacional, especialista americano revela os cuidados merecidos pelas bezerras e novilhas jovens

Por Katia Santos



James Drackey da Universidade de Illinois, Estados Unidos, é professor e fisiologista nutricional, considerado e respeitado como um dos maiores especialistas em criação de bezerras e novilhas. Não foi porém, apenas a presença dele, mas o interesse em inovar e aprofundar conhecimentos sobre a produção leiteira, que lotou o sofisticado auditório do Expo Unimed, em Curitiba. Cuidados com as bezerras não é custo, mas investimento, é praticamente a síntese da palestra de Drackey: “O que mudou na criação de bezerras e novilhas nos últimos 20 anos”.

Promovido pela revista Leite Integral, o 4º Simpósio Internacional de Leite Integral trouxe, além de Drackey, outros especialistas-expositores durante 26 e 27 de março últimos. O Sistema FAEP/SENAR-PR, co-patrocinador do evento foi representado na abertura pelo diretor financeiro, João Luiz Rodrigues Biscaia. “O Sistema FAEP/SENAR-PR tem trabalhado muito para a profissionalização dos produtores de leite do Paraná. Só em 2013

realizamos mais de 500 cursos, que tiveram a participação de oito mil produtores”, disse. Participou ainda do evento o superintendente do SENAR-PR Humberto Malucelli Neto.

O presidente do Conseleite – Paraná, Ronei Volpi, chamou atenção para a responsabilidade das instituições representativas da cadeia do leite com o futuro da produção. “Temos dois extremos na cadeia produtiva no Estado, mas temos que profissionalizar cada vez mais as propriedades, ao mesmo tempo em que ampliamos o volume produzido e conquistamos novos mercados”, comentou.

Os segredos do colostro

Com mais de duas décadas na bagagem lidando com bezerras, Drackey tem a percepção de que muitas coisas mudaram nesse período. “A sabedoria não é o que você sabe, mas o que você

faz com esse conhecimento. Hoje eu desafio vocês a questionarem os dogmas que existem sobre criação de bezerras. Não é possível buscar respostas fazendo as mesmas perguntas”, argumentou. Para ele, os cuidados especiais com as bezerras devem ser semelhantes aos cuidados com os humanos têm com recém-nascidos.

Um dos objetivos apontados para os produtores de leite, segundo ele, é dobrar o peso médio da bezerra (41 quilos) em 56 dias, mantendo-as saudáveis. “Nenhuma cadeia produtiva tem um índice tão alto de mortalidade como a leiteira. Nos Estados Unidos esse índice está entre 7 a 8%, mas o ideal é que fique em 5%. Outro desafio é manter o índice de morbidade (relação entre sãos e doentes) menor que 10%”, disse.

Para promover a nutrição, baixos índices de morbidade e o bom desenvolvimento das bezerras, garantindo melhores índices de produtividade na idade adulta, Drackey sugere:

1 - Colostro - Assim como os médicos defendem que os recém-nascidos tomem o colostro logo após o nascimento, as bezerras devem fazer o mesmo. O colostro é o primeiro leite produzido na glândula mamária logo depois do parto, tem maior volume de proteínas e anticorpos, vitaminas e minerais e menor conteúdo de açúcares e gorduras. Fornece ao recém-nascido humano ou animal corpos imunizantes essenciais e auxilia no estabelecimento da função intestinal.

Ele explica: “No caso das bezerras é importante que elas absorvam o maior volume de anticorpos nas primeiras 24/36 horas de vida. Essas substâncias ficam no organismo das bezerras por um período de 2 a 6 meses. A sobrevivência da bezerra está relacionada diretamente com a maior absorção dos anticorpos. É importante que o produtor faça a ordenha da vaca e ofereça de quatro a cinco litros a bezerra nas primeiras 12 horas. O restante pode ser congelado para uso posterior”.

Ele orienta o produtor a fazer uma análise da qualidade do colostro, porque é impossível prever qual vaca irá produzir o melhor colostro.

Pesquisas comprovam que a absorção dos nutrientes do colostro também ativam o sistema muscular de crescimento do animal. As bezerras que receberam um bom colostro conseguem ganho de peso maior, em menor tempo, em relação as que não receberam. O consumo do colostro pelo animal reflete diretamente no seu crescimento (altura, peso e estrutura óssea), imunidade (mais saúde e resistência imunológica), prenhez (menor número de dias para chegar primeira prenhez) e produtividade (maior volume).

A pesquisa de Drackey avaliou também a quantidade ideal (cinco litros) de colostro que deve ser oferecida ao animal e a redução da idade reprodutiva em um mês e meio. Essa prática antecipa o retorno produtivo ao produtor rural. O americano apresentou também

outra pesquisa feita pela Universidade de Cornell (Nova Iorque), que comprova que na idade adulta as bezerras que receberam colostro produzem 435 quilos a mais na primeira lactação.

2 – Sistema digestivo - O aparelho digestivo das bezerras, nos primeiros dias, não está preparado para absorver e digerir nutrientes não lácteos. Assim ele defende a oferta de leite às bezerras para que elas cresçam rapidamente. “O rúmen (estômago) do animal não consegue digerir as fibras, pois seu PH é menor que seis, por isso, também não recomendo a oferta de feno nessa fase”, disse.

Drackey apresentou também vários estudos sobre o volume ideal de leite/água/concentrados que devem ser oferecidos às bezerras. Em relação à água o pesquisador afirma que as bezerras precisam de água. “Algumas pessoas acham que o alto consumo de água causa diarreia. Ao contrário, mesmo quando o animal apresenta o sintoma o produtor deve aumentar a oferta de água e também não deve tirar o leite. Quando o animal tem acesso à água de boa qualidade ele consome mais concentrado o que reflete em seu crescimento corporal”, explica.

Outro aspecto que o produtor deve observar é em relação às misturas dos concentrados (composto nutricional) que devem ser feitas seguindo rigorosamente as especificações: quantidade de água; temperatura da água e quantidade de pó. A forma de oferecer esse composto também pode variar em bicos ou baldes. Segundo o professor não há pesquisas que comprovem melhoria no rendimento quando o alimento é oferecido em bicos, mas está comprovada que a sucção em bicos produz mais satisfação aos animais. Isso segundo ele está relacionado ao bem-estar dos animais.

3 – Gestão do desaleitamento - Nessa fase os animais sofrem estresse psicológico, pois deixam o isolamento e começam a conviver com outras bezerras. Ficam também mais suscetíveis a doenças respiratórias.

Ele recomenda que as bezerras sejam colocadas em abrigos coletivos desde o início para evitar o estresse e a disputa da convivência que aparecem quando saem do isolamento. No abrigo coletivo elas têm mais espaço para se locomover o produtor ainda usa menos mão de obra. Outra opção apresentada pelo palestrante ao produtor é a utilização do alimentador automático.

4 – Pequenas propriedades - “Adotar o crescimento acelerado das bezerras é um custo benefício viável para qualquer produtor e independe do tamanho da propriedade. Nas pequenas propriedades pode dar, inicialmente, a impressão que ela diminuirá a fonte de renda do produtor, quando optar por administrar leite as bezerras. Mas rapidamente ele terá outros ganhos como o desenvolvimento mais rápido do animal e a antecipação de seu processo produtivo”.

A opinião dos produtores



1 – Maria Rosalinda Stresser
Rolândia | 16 animais em lactação
propriedade de 2,42 hectare

- “Descobri que não sei criar bezerras. Por exemplo, eu colocava a bezerra para mamar na vaca o colostro, só que não ficava sabendo quanto ela mama. Também não armazenava. Eu também oferecia feno e não imaginava que não era bom. Gostei muito da palestra e vou mudar muitas coisas no manejo”.



2 – Jan Ubel Van Der Vinne
Carambeí | 300 animais

- “Muitas coisas que ele citou são esquecidas pelo produtor. Por exemplo, o colostro é de graça, pode ser congelado, não tem custo nenhum para o produtor e traz um retorno muito bom. Algumas práticas eu já adoto na minha propriedade”.



3 – Luciana Fayzano
Palmeira | 150 animais

- “Algumas coisas dá para aprimorar na propriedade como o uso do colostro. Mas às vezes o animal não consegue beber cinco litros de colostro nas primeiras horas, normalmente elas bebem dois litros. Outro ponto importante que temos que ter cuidado é relativo a higiene das instalações, equipamentos usados e do próprio funcionário que está fazendo o trabalho nesse processo”.



4 – Maria Ely Volpi
Palmeira | 170 animais

- “Muitas coisas que ele falou aqui nós já sabemos, mas às vezes a gente deixa de lado. Temos sempre que pensar na nossa competitividade de mercado e buscar os meios de aumentar a produção”.



5 – Hans Jan Groenwold
Castro | 1.500 animais

“Sempre você tem algo que pode adaptar a sua propriedade. Foi uma palestra bastante técnica, mas trouxe o médico-veterinário que me dá assistência para juntos avaliarmos o que poderemos mudar na rotina da propriedade”.



6 – Lurdes Brinhoni da Silva
Campo Mourão | 130 animais

“Quero agradecer a FAEP e o Sindicato Rural a oportunidade de participar de um evento desse porte. Foi muito bom. Com certeza vou adaptar muitas coisas no manejo dos meus animais. Entre as práticas que vou mudar está o uso da água. Sempre ouvi falar que a bezerra não precisava de água. Outra mudança será o feno que vou cortar da dieta delas. E vou manter a administração do leite também quando elas apresentam diarreia”.



Sabores vermelhos

Clima temperado favorece produção de amora e mirtilo na região de Palmas
Frutas tem demanda e bom preço no mercado

A produtora Maria de Lourdes Giotto apostou na amora e no mirtilo e não se decepcionou

Por André Amorim | Fotos Marco Giotto

Quando observamos no supermercado iogurtes, geleias e outros produtos do sabor “frutas vermelhas”, muitas vezes temos dificuldade em identificar exatamente qual é a matéria-prima destes alimentos. Afinal, framboesas, blueberrys, amoras e outras frutas parecem exóticas aos olhos dos brasileiros, acostumados a bananas, abacaxis e outros exemplares da nossa flora tropical.

Porém, se de um lado estas culturas têm algo de exótico, têm também uma alta demanda da indústria e pouquíssimos produtores no Brasil, o que torna sua produção bastante atrativa do ponto de vista comercial. Foi mirando esta oportunidade de mercado, que a produtora Maria de Lourdes Giotto e seu filho Marco Giotto iniciaram em 2005 uma produção de amora e mirtilo (ou blueberry) em Palmas, na região Sul do Estado.

O clima temperado permitiu que as frutas se desenvolves-

sem plenamente, bem como se estivessem nas paisagens geladas do hemisfério norte. Depois de alguns ajustes iniciais e muito aprendizado, hoje a produção anual da Fazenda Capão Seco é de 14 toneladas de amora e uma tonelada de mirtilo, distribuídos em sete hectares. De acordo com Maria de Lourdes, trata-se do maior pomar deste tipo do Brasil. “E está crescendo. A cada ano planto mais um pouquinho”, diz a produtora.

Para dar o primeiro passo, ela buscou a expertise técnica na Embrapa Pelotas, onde existe um trabalho com cultivares de clima temperado, como é o caso das frutas vermelhas. Foi de lá que vieram as primeiras mudas e a assistência técnica necessária para iniciar o cultivo. “No começo foi sofrido, mas só até pegar o jeito da coisa”, conta.

Toda a produção é orgânica. Segundo Marco Giotto, trata-se de uma filosofia de produção, aliada a uma visão de mercado. “Agrega valor, pois nessa época, a fruta vira commodity, se fosse competir na cultura convencional seria inviável”, diz. Além disso,

“O preço do mirtilo já chegou a R\$ 70,00 o quilo. Hoje varia entre R\$ 20,00 e R\$ 40,00”



segundo ele, a demanda por frutas orgânicas é maior do que pelas convencionais. “Teria mercado para cinco vezes a nossa produção”, afirma. Outro fator é que hoje não existem defensivos químicos específicos para a amora e o mirtilo, de modo que o manejo orgânico acaba sendo a alternativa mais viável.

A produção é encaminhada para indústrias de geleias e sorvetes em São Paulo e Minas Gerais. Logo que são colhidas, as frutas são congeladas para evitar sua deterioração. Por tratar-se de uma cultura altamente perecível, a logística torna-se o principal entrave para o cultivo destes produtos. “Se ficar um dia no tempo estraga”, conta Maria de Lourdes. Por conta disso, sua propriedade é equipada com um contêiner refrigerado e uma câmara fria para estocar a produção. “Quanto antes refrigerar, melhor”, completa. Congeladas, as frutas podem durar até dois anos.

Desta forma o trabalho com frutas in-natura torna-se praticamente inviável. “Estamos longe de tudo, para enviar as frutas para um mercado precisaria de um caminhão refrigerado, é mais difícil”, avalia a produtora.

Mercado

Apesar dos percalços, o retorno é atrativo. Segundo os produtores, hoje, um quilo de amora chega ao consumidor final por cerca de R\$ 20,00, mas este valor pode variar bastante em

decorrência da entrada de frutas importadas no mercado. O mirtilo já chegou a R\$ 70,00 o quilo, hoje este preço varia entre R\$ 20,00 e R\$ 40,00. O custo, talvez seja o principal inibidor do consumo destas frutas pelos brasileiros. Enquanto não houver escala de produção a situação deve permanecer como está.

Na opinião de Marco, alinhar corretamente a questão comercial é fundamental para que a atividade seja viável. “Passamos dois anos desenvolvendo mercado. Hoje, antes de colher, já temos 100% da produção vendida”, afirma.

Na sua avaliação as perspectivas de expansão do mercado são boas. “O mundo inteiro consome, a demanda é crescente e o valor agregado é maior do que o de outras frutas”, diz. Para se ter ideia, nos Estados Unidos, o mercado de amora e mirtilo é maior do que o de cebola e batata. Por uma questão de marketing, as frutas vermelhas (que incluem ainda o morango e a framboesa) andam juntas. Pensando nisso, os produtores já testaram a framboesa na propriedade, mas desistiram. “Plantamos três vezes, mas desistimos, pois o pé morre e não volta”, conta Maria de Lourdes. O morango, que tem um manejo diferente das outras frutas, deverá começar a ser testado na propriedade este ano.

Outro plano é expandir a produção através do modelo de parceria. A ideia é produzir mudas e formar um grupo de agricultores familiares da região para uma produção integrada. Segundo Marco, esta é a melhor forma de expandir o volume, uma vez que sozinho um pequeno produtor não teria condições de colocar suas frutas no mercado devido aos custos logísticos. “A solução é gerar um volume crítico que viabilize a logística. É um complemento de renda bem interessante para pequenas propriedades”.

“Nos EUA, o mercado de mirtilo e amora é maior do que o de cebola e batata”



Manejo

O cultivo de amoras e mirtilos é muito semelhante. A época de colheita ocorre entre o final de novembro e começo de janeiro, dependendo do frio. Depois de madura, a amora dura, no máximo, sete dias no pé, por isso é importante agilidade neste processo, além do cuidado para não estragar os frutos, que são muito frágeis. Em média são necessárias cinco pessoas por hectare para realizar a colheita, a seleção e encaminhar as frutas para o resfriamento.

Cada hectare comporta até 3.500 pés de amora. Após a colheita, outra grande operação é a poda que ocorre

em fevereiro. Todos os galhos que deram fruto são retirados totalmente. Nesta etapa também é necessário grande contingente de mão de obra.

Fruta brasileira

Apesar da fama internacional, e do caráter exótico da fruta – que não faz parte dos hábitos alimentares dos brasileiros – a amora é uma filha do Brasil. Segundo Marco Giotto “As variedades comerciais são todas cruzamentos, a variedade mais difundida no mundo é daqui do Brasil, mas a gente importa”, conta.

Amora verde ameaçada

Quem caminha pela região de Palmas, se tiver sorte, pode deparar-se com uma espécie diferente de amora. Com frutos de cor verde (mesmo quando estão maduros) esta variedade se destaca pelo sabor adocicado e pela suculência. Conhecida como “amora verde” ou “amora branca”, ela, infelizmente, corre o risco de desaparecer do Estado. Isso porque trata-se de uma espécie nativa. “É uma amora do campo, como os campos estão virando lavouras e florestas (de pinus e eucalipto) ela está entrando em extinção”, afirma Marco Giotto.

Segundo ele, no ano passado houve um esforço para formar um banco genético desta espécie, com intenção de replicá-la comercialmente e assim evitar seu desaparecimento. A iniciativa, promovida em conjunto com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), deparou-se com um problema: testes de laboratório demonstram uma grande dificuldade de reprodução desta variedade. Desta forma, infelizmente, a amora verde pode acabar sumindo do mapa.

Benefícios para saúde

Amora e mirtilo, além de saborosos, fazem bem para a saúde. Ambos são conhecidos como alimentos funcionais, pois possuem componentes e vitaminas que fazem bem ao organismo. Segundo Marco Giotto, existem diversos trabalhos que comprovam suas funções como antioxidantes, ou seja, combatem a oxidação das células e inibem a presença de radicais livres, que ao longo da vida provocam efeitos negativos no organismo. Por isso são benéficos contra doenças como a síndrome de Alzheimer e o mal de Parkinson.

A amora também possui grande quantidade de cálcio, o que a torna eficaz no combate à osteoporose. O mirtilo tem concentrações elevadas de anticianina, substância que traz especiais benefícios à visão. Por conta desta característica, os pilotos de aviões norte-americanos ingeriam grandes quantidades de mirtilo durante a segunda guerra mundial, uma vez que naquele tempo os recursos eletrônicos para a precisão dos ataques não existiam, e o sucesso das missões dependia da boa visão dos aeronautas para atingir os alvos.

A alma do negócio

Os benefícios da classificação das sementes na produção de grãos

Por Hemely Cardoso



Na reta final da colheita de soja, o produtor deve ficar de olho na hora de fazer a triagem dos grãos na lavoura. É a classificação que determina o que ele está ganhando ou perdendo dentro da porteira. “A seleção dos grãos permite que o produtor saiba a quantidade de matéria estranha, impurezas, entre outros fatores. A classificação está envolvida em todas as frentes, seja para a produção, exportação, importação e para o consumidor”, explica a engenheira-agrônoma Ivonete Teixeira Rasêra, instrutora do SENAR-PR. Pela seleção dos grãos, o produtor pode verificar, por exemplo, como está a regulagem da colhedeira ou identificar o ataque de pragas, como o percevejo e até mesmo da temida *Helicoverpa armígera*.

A classificação garante economia ao produtor rural. “Depois de colhida, a soja é pré-classificada nas cooperativas ou cerealistas e quando o grão está úmido, com matérias estranhas e impurezas, por exemplo, normalmente as empresas aplicam um desconto no valor da saca. Essas companhias também diminuem no valor pago pela saca quando os grãos apresentam defeitos (esverdeados, imaturos, germinados, partidos e quebrados)”, complementa.

Como é feita a classificação?

Numa amostra de 125 gramas de soja, quantidade mínima determinada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), os grãos são analisados com o auxílio de uma luminária, pinça e cortador. Pela classificação, vários aspectos podem ser avaliados, como os defeitos graves, leves, manchas, doenças, umidade, substâncias nocivas à saúde, entre outros. Ivonete conta que há duas categorias na hora de classificar: defeitos graves e leves. Na primeira estão os grãos queimados, ardidos e mofados e podem comprometer a produção. No primeiro caso, geralmente, há uma falta de controle no processo de secagem.

Segundo a instrutora, o grão imaturo (de cor verde e com aspecto enrugado) é o defeito que ocorre com maior frequência. A deformidade é provocada pela estiagem. Em relação ao ataque de percevejos, por exemplo, o grão apresenta manchas. Entre um defeito e outro, quando o grão apresenta a coloração verde intenso é sinal de que foi colhido antes da maturação.

Padrão

O Mapa determina um padrão para que a soja seja classificada como grão de qualidade. Há um limite de tolerância para cada aspecto do grão, como ilustra a tabela abaixo. “Independente do destino da soja, processamento ou exportação, a oleaginosa deve seguir esse padrão”, observa. Assim como há uma regra de classificação para a soja, há para outras culturas como feijão, milho, trigo e sorgo.

Fator de Qualidade	Padrão Básico (%)
Umidade	14,0
Grãos Quebrados	30,0
Impurezas e/ou Matérias Estranhas	1,0
Grãos Avariados	8,0
Grãos Esverdeados	10,0

Capacitação

O SENAR-PR é pioneiro no país na área de classificação de grãos e frutas. Desde 2004, oferece aos produtores cursos para a classificação de soja, milho, trigo, feijão, abacaxi, maçã, uva fina e rústica. Ao longo do ano passado, 161 turmas participaram do curso Trabalhador na Classificação de Produtos Vegetais.



Classificador

No último dia 18 de março, um grupo de 10 pessoas participou do curso oficial de capacitação e habilitação de classificadores de milho, soja, trigo e sorgo homologado e supervisionado pelo Mapa. O curso é direcionado a técnicos e é um be-a-bá da classificação com 120 horas em 18 dias. Somente quem é habilitado pelo Mapa pode atuar como classificador.

Exportação



No último dia 19 de março, a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ) na Câmara dos Deputados aprovou uma proposta que institui a classificação oficial obrigatória de todos os produtos comercializados na forma de grãos, e torna prerrogativa exclusiva do poder público classificar os produtos vegetais exportados (PL 2182/11). Se não houver recurso para a apreciação pelo Plenário, a proposta seguirá direto para o Senado.

Atualmente, a legislação atribui a exclusividade do poder público classificar apenas os produtos de origem vegetal que forem importados. Os destinados à exportação podem ser classificados pelas empresas, quando elas compram os produtos dos agricultores. Mas, quando as empresas classificam os produtos, algumas vezes os subavaliam, reduzindo, assim, o valor pago aos produtores. Segundo o autor do projeto, o ex-deputado já falecido Homero Pereira, as empresas comercializadoras de grãos impõem aos produtores redução de preços em até 40%.

Petrobras: a história lambuzada



Os brasileiros sempre enxergaram na Petrobras um símbolo, um orgulho nacional. A empresa completou em 3 de outubro do ano passado 60 anos. Nas últimas semanas, a empresa vem sendo bombardeada com documentadas e sucessivas notícias que são combustível incontrolável de escândalos.

O primeiro deles é a investigação da Polícia Federal sobre funcionários da Petrobras que receberam propina da fornecedora holandesa SBM Offshore, que aluga plataformas para a empresa brasileira.

Relato de ex-funcionário da SBM fala em pagamento de US\$ 139,2 milhões a funcionários da Petrobras. A estatal criou, em fevereiro, comissão interna para apurar “as supostas denúncias de irregularidades” e disse que aguarda as apurações.

Em seguida, algo que vinha sendo perfurado mas não jorrava, acabou nas páginas do jornal “O Estado de São Paulo” que revelou a incrível compra em 2006 de uma refinaria em Pasadena, no Texas (EUA) por mais de 1 bilhão de dólares quando valia apenas 47 milhões de dólares, quando a presidente Dilma Rousseff era chefe da Casa Civil do governo Lula e presidente do Conselho de Administração da Petrobras.

O diretor apontado como responsável pela “falha” foi

promovido a presidente da BR Distribuidora, escapou de férias, mas foi demitido e se transformou no “homem bomba”, segundo os jornais. Um outro diretor envolvido nessa compra, Paulo Roberto Costa, está na cadeia em outra operação da PF por envolvimento com o doleiro Alberto Yousseff.

O incêndio ganhou mais combustível ainda com a denúncia do mesmo “O Estado de São Paulo”, de que a Venezuela dera um sonoro calote na Petrobras na construção da refinaria Abreu Lima, em Pernambuco. O ex-presidente Lula e Hugo Chavez, festejaram essa refinaria que custaria US\$ 2 bi, em 2006, e até hoje a Petrobras já bancou mais de US\$ 20 bi, sem um tostão ou o contrato que nem Chavez nem o famoso Nicolas Maduro, seu sucessor, assinaram. Difícil explicar “fio de bigode” num negócio de US\$ 20 bilhões.

Também em 24 de abril de 2006, com as mãos lambuzadas de óleo, Lula garantiu que o Brasil era autossuficiente em petróleo “o que significa agora que somos donos do nosso nariz”. A combinação entre queda das exportações e alta das importações de derivados de petróleo, porém, desmentiria essa versão e levou a Petrobras ao déficit comercial de US\$ 25,716 bilhões em 2013, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).



Ontem a Finlândia, hoje o Azerbaijão

A respeitada colunista da “Folha de São Paulo”, Eliane Cantanhêde escreveu que o que os brasileiros precisam saber “é o conjunto da obra na Petrobras: a politização dos preços da gasolina, a perda de metade do valor de mercado, o aparelhamento, a sindicalização e a história de propina de uma firma holandesa”. A Petrobras, em 2008, valia US\$ 286 bi de dólares (ou toda a economia da Finlândia) e em 03/2014 US\$ 76 bi (a economia do Azerbaijão)

A história manchada

Embora a primeira perfuração de um poço de petróleo no país tenha ocorrido em 1897 por um fazendeiro de São Paulo, foi só após a década de 30 que o governo começou a investir na “nacionalização dos bens do subsolo” devido à presença de empresas estrangeiras. Embora o petróleo ainda fosse considerado dispensável nos anos 1930, o Estado foi o grande empresário do setor: conseguiu proteger as indústrias de base e garantiu a nacionalização dos recursos minerais. Surgiram, assim, os embriões de três grandes estatais brasileiras: o Conselho Nacional de Petróleo (1938), a Companhia Siderúrgica Nacional (1941) e a mineradora Vale do Rio Doce (1943).

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o petróleo passa a ser considerado tão importante quanto o aço.

Mais tarde, no início da década de 50, a esquerda brasileira lança a campanha “O Petróleo é Nosso” contra a tentativa dos chamados “entreguistas” de propugnar a exploração do petróleo brasileiro por empresas ou países estrangeiros, alegando que o país não possuía recursos nem técnica suficiente para fazê-lo.

Em resposta, Getúlio Vargas assina a Lei 2.004 de 1953, criando a Petrobras. Na época a produção era de apenas 2.700 barris por dia, Juracy Magalhães, cearense de carreira política pela UDN, na Bahia, foi seu primeiro presidente.

O primeiro poço produtor de petróleo no Brasil, em Lobato, na Bahia, e primeira refinaria inaugurada pela Petrobras foi a Presidente Bernardes, em Cubatão (SP), em 1955. A década de 1980 dá octanagem à empresa porque marca o início das descobertas em águas profundas e a Petrobras torna-se a primeira empresa do mundo a produzir petróleo em águas abaixo de 500 metros. Em 1984 a descoberta do campo de Albacora, na Bacia de Campos, prova a existência de campos gigantes a grandes profundidades e é alcançada a meta de produção de 500 mil barris diários de petróleo.

Já sem o monopólio desde 1998 lança ações na Bolsa de Nova Iorque, e começa sua expansão ao exterior. A primeira fase do gasoduto Bolívia-Brasil de 3.150 quilômetros de extensão em 135 municípios ocorre a partir de 2001, quando também atinge 1 milhão de barris/dia. Nos anos seguintes Lula anuncia a autossuficiência e se cala com a nacionalização de duas refinarias na Bolívia (2006). No ano seguinte, sob grande euforia, surgem as grandes e promissoras reservas de pré-sal, nos campos de Tupi e Libra, entre outros. Em 2014 a exploração de petróleo faz jorrar escândalos.

Tecnologia na horticultura

Práticas que rendem respostas rápidas e positivas na lavoura



O que faz um produtor de olerícolas viajar 500 quilômetros para visitar uma área experimental de plantio em São José dos Pinhais, Região Metropolitana de Curitiba? A resposta está na ponta da língua do produtor Claudio Roberto dos Santos Alves, 37 anos, de Foz do Iguaçu. “Descobrir como as sementes híbridas e os produtos biológicos podem me ajudar a produzir mais e a ter resultados melhores”.

Ele conta que esse é o segundo ano que visita a área experimental da Tachort, encontro técnico voltado para horticultores e profissionais da área realizado de 19 a 21/03 em São José dos Pinhais, e adotou algumas práticas que lhe renderam vantagens financeiras e respostas rápidas e positivas na lavoura.

As práticas a que Alves se refere são a rotação de cultura; Manejo Integrado de Pragas e Doenças (MIP e MID), plantio na palhada e a utilização de produtos biológicos. “Com o uso de produtos biológicos além de economizar 40% com a compra de insumos tenho a certeza de que vou colher”, completa.

Trabalhando há 16 anos com hortaliças Alves já amargou muitos prejuízos. “Em 2011 perdi uma área de 15 mil metros cultivados com alface por causa de uma chuva forte. Mas teve um ano que cheguei a perder uma lavoura de 80 mil metros quadrados por causa do clima. Mesmo no campo aberto consigo equilibrar as plantas usando um biocida à base de dióxido de cloro (utilizado na agricultura orgânica) integrado com o sistema de gotejamento que conheci aqui. Com essa ferramenta consigo aplicar o sanitizante depois de uma chuva forte e controlar os fungos e bactérias. E os resultados são rápidos”, explica.

“Com os produtos biológicos tenho a certeza que vou conseguir colher o que planto”.

Outra vantagem apontada por ele no sistema de gotejamento é a menor incidência de doenças nas plantas. “Quando você irriga por cima a incidência de doenças é maior, o gotejamento inibe a proliferação de bactérias e fungos. É um retorno indireto que a gente tem, pois ao mesmo tempo em que fornecemos a água e os nutrientes que a planta precisa economizo em mão de obra”.

Alves conta que já usava as sementes híbridas há alguns anos, mas não conseguia obter os bons resultados. “O produtor de verduras e hortaliças fica muito a mercê das condições do clima. Hoje consegui equilibrar o solo na minha propriedade e junto com o manejo obtenho bons resultados e a certeza de que vou colher. Como a minha região venta muito não compensa investir em estufas, mas os produtos biológicos entraram de vez no meu planejamento de plantio”, finaliza.

Semente híbrida

As sementes de hortaliças podem ser tradicionais ou híbridas. As híbridas estão no mercado brasileiro há 20 anos, e as tradicionais, desde o início da história da agricultura. O que as diferencia além do preço - é a produtividade. Por exemplo, um pacote de três gramas de semente de tomate tradicional custa R\$ 5,00 se for híbrida o valor pago pelas mesmas três gramas sobe para R\$ 300,00. Cada pacote vai produzir mil plantas, mas a híbrida vai render ao produtor 350 caixas com 25 quilos, enquanto que a semente tradicional vai produzir 10 caixas de 25 quilos.



Mas o que há por trás das sementes híbridas? Por trás desses minúsculos grãos estão muitos anos de pesquisas e experimentos. O tempo médio de pesquisa de uma semente híbrida é de oito anos. Hoje no mercado brasileiro estão disponíveis ao produtor rural mais de 50 cultivares de tomates.

Em uma semente híbrida o pesquisador agrupa as melhores características de cada espécie como:

- 1 – sabor, cor e aroma;
- 2 - resistência a doenças;
- 3 - resistência a pragas;
- 4 - produtividade;
- 5 - características de pós-colheita (*);
- 6 - adaptação climática;
- 7- volume de raiz ou agressividade radicular;
- 8- peso.

() Essa característica varia de legume para legume: no tomate o que define é a durabilidade e o peso do fruto; na alface a pigmentação e a quantidade de folhas; na rúcula a ardência, área foliar e tamanho do cabo, etc.*

Mas, segundo o engenheiro-agrônomo Juliano Grossi, o segredo do híbrido está em como manejar a semente extraindo dela todo seu potencial produtivo.

“Se olharmos para a cadeia de grãos vamos observar que os produtores tiveram um grande avanço na produtividade, porque o produtor mudou em função da tecnologia que foi ofertada. É o que esperamos do produtor de olericultura. Ele precisa trocar o jeito tradicional de plantar e absorver novas formas de manejo da lavoura, produzindo mais na mesma área com menor esforço e mão-de-obra”, diz.

Esforço ao plantio equilibrado

Quando Grossi fala em novas formas de cultivo ele se refere a um mix de ferramentas e técnicas de manejo (muitas velhas conhecidas dos produtores) que englobam: rotação de culturas; MIP; MID; plantio na palhada; produção em tuneis e estufas, fertirrigação e o uso de produtos biológicos (condicionador de solos; biofungicida, bionematicidade e biocidas).

“Nosso grande objetivo é mostrar ao produtor que o adubo é para a planta o mesmo que o sal é para a comida”.

Todas essas técnicas estavam disponíveis na área experimental da 6ª TecHort “Nosso grande objetivo é mostrar ao produtor que o adubo é para a planta o mesmo que o sal é para a comida. Se for usado em excesso prejudica. O resultado desse conhecimento é dinheiro no bolso do horticultor”, diz.

Durante o evento, os visitantes ouviram uma palestra específica sobre o uso de produtos biológicos para olerícolas com o engenheiro-agrônomo Hirouki Saziki.

Além da palestra, os produtores visitaram túneis, estufas e canteiros abertos cultivados com sementes híbridas. Na área de um hectare eles puderam visualizar o resultado do plantio equilibrando época adequada, solo e adubação; cultivo protegido em estufas; cultivo com excesso de adubação; excesso de água; falta de nutrientes e solo desequilibrado.

“Nosso desafio é conscientizar o produtor que precisa saber que ao adotar o uso de insumos biológicos está antes de tudo promovendo a recuperação do solo seu maior patrimônio”, diz.

O agrônomo explica que ao recuperar a biota do solo (é o conjunto de seres vivos que habitam um determinado ambiente ecológico) o produtor está investindo em sustentabilidade o que

lhe trará mais produtividade. Outra diferença importante que precisa ser ressaltada e lembrada pelo produtor são as condições de aplicação dos produtos biológicos.

Os produtos biológicos são organismos vivos que não sobrevivem ao calor forte.

“Um insumo biológico é um produto que contém microrganismos vivos e por isso as condições de transporte, armazenagem e aplicação são diferentes. Nenhum organismo vivo sobrevive ao calor forte. Orientamos sempre que aplicação seja feita mais no fim do dia onde a incidência do sol é menor. A resposta do biológico às vezes é mais demorada que a do químico, por isso o produtor precisa estar bem informado para aplicar na hora certa”, finaliza Saziki.



Beto destaca setor agropecuário

O setor agrícola cresceu 18,4% em 2013



Na abertura da Tecno Food Brazil, Feira Internacional de Proteína Animal, no último dia 25, o governador Beto Richa ressaltou os investimentos do Governo do Estado na área da agropecuária e destacou a criação da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), instituição onde a FAEP teve intenso envolvimento. “Nosso governo dá atenção especial ao setor, que é fundamental para o Paraná, pois fortalece a economia e alavanca o desenvolvimento do Estado”, disse Richa.

O evento ocorreu no Expotrade Convention Center, em Pinhais, na Região Metropolitana de Curitiba e reuniu inovações tecnológicas para indústrias de carne e leite

Richa ressaltou ainda que todo o setor agrícola foi um dos grandes responsáveis pelo bom desempenho da economia paranaense em 2013. Enquanto o PIB do Brasil cresceu 2,3%, o PIB do Paraná cresceu 5%. O setor agrícola cresceu 18,4% em 2013, com recorde na colheita de grãos – 36,5 milhões de toneladas.

O governador citou também outros programas estaduais de apoio aos produtores, como a entrega de calcário para aumentar a produtividade das pequenas propriedades, e as medidas para melhorar as condições das estradas rurais, como o repasse de óleo

diesel e a entrega de Patrulhas do Campo (conjunto de equipamentos rodoviários).

A construção de moradias rurais e o fortalecimento de entidades como a Emater, são outras ações de destaque do governo em prol do setor. “Estamos em constante diálogo com produtores e entidades rurais, ouvindo quem mais entende do assunto para avançar em passos largos no desenvolvimento rural do Estado”, afirmou Richa.

Perfil

No Paraná existem 409 agroindústrias com Serviço de Inspeção do Estado, 142 empresas com inspeção municipal e 375 empresas com Serviço de Inspeção Federal (SIF).

O destaque do setor agropecuário paranaense foi um dos motivos para a Tecno Food ser realizada no Estado, explicou Rubens Zago, um dos organizadores da feira. “Além de ser o maior produtor de frango do País e se destacar na produção suína, bovina e de laticínios, o Paraná é um Estado estratégico na área de proteína animal, próximo aos principais Estados produtores”, disse Zago.

O secretário da Agricultura e Abastecimento, Norberto Ortigara, disse que o evento vem fortalecer ainda mais a produção da agroindústria do Estado. “Temos buscado um constante aperfeiçoamento no setor agropecuário paranaense, para andar em paralelo tanto o crescimento na competência instalada na produção agrícola, como na produção agroindustrial e industrial”, explicou.

Para o senador do Mato Grosso, Blairo Maggi, um dos palestrantes do evento, o Paraná é exemplo para o setor agropecuário nacional, em especial na produção avícola. “Nós, de outros Estados, somos observadores e seguidores deste movimento que existe no Paraná. Quando todos os Estados produtores passarem a se industrializar, quem ganha são todos os brasileiros”, destaca.

JAA: Fonte de inspiração

Programa criado pelo SENAR-PR prepara jovens para a atividade no campo e para a vida adulta



Desde que surgiu, em 2005, o Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA), vem transformando a vida de muitos jovens do Paraná, principalmente daqueles que, durante esta importante fase da vida, estão descobrindo os caminhos para construir seu futuro.

O programa foi criado com o objetivo de informar os jovens do meio rural sobre as oportunidades profissionais que existem no campo, reduzindo assim o êxodo rural e a falta de mão de obra nas atividades agrossilvopastoris, fortalecendo os laços com a terra e despertando o espírito empreendedor.

“Esse curso foi o que me inspirou a fazer o curso superior de Agronomia. Ele me fez descobrir o que eu queria fazer da minha vida”, conta o jovem Paulo Augusto Ghizoni, de Ivaiporã, ex-aluno do JAA. Paulo não é o único, ao longo do curso, muitos alunos descobrem competências que desconheciam em si mesmos. “Hoje

estou formado em Agronomia pela UEM. Sempre tive vontade de fazer Agronomia, porém entrar na UEM parecia um sonho muito distante, que começou a ser encurtado no JAA”, relata Jhonatann Bueno, outro ex-aluno do programa.

O JAA é dividido em duas etapas. A primeira, com 144 horas de duração distribuídas em encontros semanais com duração de 8 a 12 horas, envolve os conhecimentos necessários para a gestão no agronegócio e traz conhecimentos e competências que irão acompanhar os egressos por toda a vida, como comunicação, liderança, trabalho em equipe, cidadania etc. A segunda etapa tem duração de 80 a 96 horas. Nesta fase os alunos focam os conhecimentos em uma atividade específica do meio rural: Pecuária Leiteira, Fruticultura, Mecanização, Agricultura Orgânica, Olericultura e Cana-de-açúcar.

Mesmo para aqueles que não pretendem seguir carreira no campo, o curso traz lições importantes para a vida, como foi o caso da ex-aluna Mayara Marques Mota, de Campina da Lagoa. “Embora não tenha escolhido ser engenheira-agrônoma ou médica-veterinária, como profissão, foi muito importante ter participado do JAA, primeiro pelo aprendizado agregado, segundo pelos valores aprendidos e terceiro pelas pessoas que pude conhecer. Hoje estou formada em Farmácia, me sinto muito realizada e muito feliz pela minha profissão”, conta.

Desenvolvido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural Regional Paraná (SENAR-PR), o JAA encerrou 2013 com 240 turmas no módulo Gestão do Agronegócio (Básico), atendendo 4.442 jovens. Nos módulos específicos foram 77 turmas totalizando 963 jovens atendidos.

Desde que foi criado, foram atendidos pelo programa 35.999 jovens. Uma destas pessoas foi a jovem Aline Cantelo, da cidade de Faxinal, que, mesmo em outra área de atuação, levou para a vida os ensinamentos que aprendeu no JAA: “Hoje faço Nutrição, mas não cheguei aqui sozinha, cheguei aqui por que muitos acreditaram em mim e eu aprendi através do curso que devemos empreender nosso sonhos, não apenas sonhar, mas correr atrás para que esses sonhos se tornem realidade”, apontou.

Atividades lúdicas e convivência

Voltado a jovens entre 14 e 18 anos, o JAA assume um papel importante ao apresentar a este público as oportunidades profissionais que existem na atividade rural, que muitas vezes são vistas como carreiras pouco atrativas por este público.

Para tanto, a metodologia do curso envolve atividades lúdicas, palestras, gincanas educativas, visitas técnicas, entre outras estratégias para tornar esta experiência o mais atraente possível.

Um exemplo de como estas dinâmicas são desenvolvidas ocorreu em março na região de Campo Mourão. Duas turmas do JAA do município de Corumbataí realizaram uma visita técnica ao Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira (Parque do Lago) e ao Parque Estadual Lago Azul. Pela manhã os jovens participaram de uma “Caça ao Tesouro Gigante”, onde as duas turmas deviam encontrar as 14 respostas espalhadas ao longo dos 11 hectares do parque municipal.

À tarde, os participantes realizaram uma trilha de 3,4 quilômetros pelo parque estadual, onde passaram por cachoeiras e puderam conhecer de perto as características dos biomas da Mata Atlântica e do Cerrado. O objetivo foi que os participantes do programa pudessem conhecer in loco como ocorre o processo de assoreamento dos rios e as alternativas para evitá-lo. Também foi abordada a legislação que regula as Unidades de Conservação municipais e estaduais, e o seu funcionamento.

A atividade ocorreu dentro do módulo: Manejo e

Conservação do Solo, da Água e do Meio Ambiente do JAA. O grupo foi orientado pelos instrutores Geremias Cilião Júnior e Xisto Roque.

Planos para o futuro

Segundo a coordenadora do JAA, Regiane Hornung, este ano será realizada uma pesquisa junto aos jovens para avaliar quais as competências pessoais e técnicas eles desejam trabalhar no programa. “A ideia, depois da pesquisa, é criar outros módulos específicos conforme as necessidades, mas sem mudar a essência do programa”, afirma.



Mayara Marques Mota
(Campina da Lagoa)

“Minha professora, Vanessa, me ensinou muitas coisas além de ser uma jovem agricultora, com ela aprendi ser mais humana e mais forte.”



Aline Cantelo
(Faxinal)

“O JAA me ensinou a dar mais valor àqueles que, faça chuva ou faça sol, estão ali plantando e colhendo. E ainda me deu uma visão diferenciada do mundo lá fora: que sozinho não somos nada, que devemos aprender a trabalhar em grupo e a ajudar um ao outro.”



Jéssica Boiko
(Ariranha do Ivaí)

“Os conselhos que recebi ao final do curso estão colados no meu guarda roupa para que eu não esqueça. Não desista de seus sonhos, diz uma parte.”

Agricultura e aquecimento verbal

Evaristo Eduardo de Miranda*



O consumidor conhece a novela: se chove demais ou de menos, o preço das hortaliças, e até da carne, aumenta nos supermercados. Os ganhos desse aumento de preços desaparecem entre o consumidor e o agricultor. Chuva demais ou de menos são sempre sinônimo de perda para os produtores. Não se enfrentam variações de clima com flutuações de preços. A solução é uma agricultura menos sensível às variações climáticas.

O clima foi apontado como o maior problema enfrentado pelos agricultores, acima do preço de venda dos produtos, do custo de produção e da incidência de pragas e doenças, na recente pesquisa do Índice de Confiança do Agronegócio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Enquanto alguns querem mudar o clima e salvar o planeta em 50 anos, os agricultores desejam salvar a sua roça anual de hortaliças, milho, feijão e outras trivialidades.

A dificuldade da agropecuária em dar respostas adequadas

às variações climáticas presentes e futuras deve-se às incertezas das informações sobre esse fenômeno. A imprecisão dos modelos de mudanças climáticas aumenta da escala global para a local. Os 21 modelos usados pelo Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) deixam clara a sua incapacidade de prever mudanças climáticas em escala local.

Em razão da incerteza na previsão do clima futuro na escala para tomar decisões agrícolas, estudos sobre o passado são úteis. Dados do Instituto Nacional de Meteorologia indicam tendências de mudanças nos padrões das chuvas e temperaturas nos últimos 50 a 100 anos no Brasil. Eles apontam para padrões complexos, com três ou mais situações num mesmo Estado. E para a necessidade de ampliar a rede de coleta de dados!

Para dificultar ainda mais a decisão dos agricultores sobre que variedades ou técnicas de plantio adotar em face das incertezas

climáticas, lá onde vivem não existe agrometeorologia de qualidade para orientá-los. Nem redes sociais e de informação sobre o tema. Eles estão sós e desinformados.

Felizmente, a agricultura tropical é bastante adaptada às variações de chuva e temperatura. No Brasil, de um ano para outro essas flutuações são maiores do que os cenários alardeados por porta-vozes de mudanças climáticas! Neste verão a temperatura andou 6 a 8 graus acima da média, enquanto no início dos anos 1990 foi exatamente o contrário. Aliás, como a chuva, a temperatura nunca anda na linha... da média.

Varição da temperatura entre dia e noite superior a 15 graus é comum nos trópicos. Valor muitas vezes superior às previsões de mudanças climáticas para altas latitudes. E a vegetação e a fauna? Vão bem, obrigado!

Nos últimos cem anos, ecossistemas, florestas plantadas e cultivos tropicais não desapareceram nem fizeram as malas para mudar de latitude. Resultado de longa evolução, eles têm grande plasticidade e capacidade de conviver com variações de chuva e temperatura, diferentemente do que ocorre nas zonas temperadas, onde a regularidade das estações é a regra.

“Salvar o Planeta”

Esse grau de adaptação às flutuações climáticas interanuais, mensais e até diurnas varia entre cultivos anuais, plurianuais ou perenes, e depende de sistemas de produção, capacidade de investimento e uso de tecnologias. Não existe tecnologia que funcione sempre e em qualquer condição, salvo, talvez, a irrigação. Um plantio de café com sombreamento produzirá melhor em anos secos e menos nos chuvosos do que cafezais em pleno sol. O mesmo vale para variedades de ciclo longo e curto, para o adensamento ou espaçamento de plantas, etc.

Uma coisa são as incertezas climáticas, outra é o risco assumido por agropecuaristas ao decidirem investimentos e mudanças tecnológicas. Eles se comportam como qualquer investidor. Alguns, por temperamento e condição, assumirão riscos maiores, buscarão mais produtividade e adotarão certas tecnologias. Os mais conservadores, em circunstâncias análogas, adotarão outras tecnologias, perderão em produtividade, mas reduzirão os riscos e os impactos das variações climáticas. Outros ainda explorarão a redução do ataque de fungos e o ganho de qualidade em seus produtos em anos secos, como na fruticultura e na produção de vinhos.

Alternativas tecnológicas existem para aumentar a sustentabilidade da produção diante das variações climáticas. A ampliação da irrigação, da eletrificação, da mecanização rural, da armazenagem nas fazendas, da logística e do seguro rural seria um enorme avanço perante as incertezas climáticas. Com isso nossa agricultura, marcadamente de baixo carbono, ajudaria ainda mais a

“salvar o planeta” e alimentar a humanidade.

Para especialistas internacionais presentes no Global Agribusiness Forum, em São Paulo, é do empreendedorismo dos agricultores, das inovações de instituições de pesquisa agropecuária e do dinamismo dos países emergentes, como a China, a Índia, a Indonésia e o Brasil, que virão as grandes soluções, graças a novas políticas agrícolas e ambientais.

A adaptação coordenada da agricultura tropical diante das incertezas climáticas está no começo. Faltam financiamentos específicos para a pesquisa agropecuária. Mesmo assim, novos saltos tecnológicos estão a caminho, graças a pesquisas inovadoras, como as previstas no planejamento da Embrapa para o horizonte de 2033, em melhoramento genético, mudanças climáticas e gestão territorial, por exemplo.

O cenário climático para a agricultura tropical não é o pior. Mas aponta a necessidade de se adaptar simultaneamente a agricultura e a sociedade. É a melhor garantia em face das incertezas climáticas e contra o nhenhém do aquecimento verbal.



**Evaristo Eduardo de Miranda é doutor em ecologia, pesquisador e coordenador do Grupo de Inteligência Territorial Estratégica da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA).*

** Publicado em “O Estado de São Paulo” – 24.03.2014

“Vamos todos para o inferno”

Presidente da CBF ameaça porque tem medo que se repita 1950

“Estamos no purgatório. Se ganharmos a Copa, vamos para o céu. Se perdermos, vamos todos para o inferno”.

É assim que José Maria Marin, presidente da CBF, define o cenário que a seleção enfrentará na competição.

“Eu falei isso pro Felipão”, emenda Marin, cartola que diz estar obcecado pela conquista do hexacampeonato.

A Copa será a primeira e última do cartola no comando da CBF. A eleição na entidade ocorre 16 de abril, e Marco Polo Del Nero, seu candidato, deve ser eleito – só assumirá o posto, porém, em 2015.

A Copa no Brasil, portanto, é a chance de Marin ser marcado na história do futebol nacional como o dirigente que levou a seleção à conquista do Mundial em sua casa, já que em 1950 o país perdeu a final para o Uruguai.

Por isso, o cartola considera

que, se vencer, todos os protagonistas da seleção serão imortalizados.

Contudo, se perderem, terão de arcar com todos os danos, assim como acontece até hoje com a equipe que jogou em 1950. A pergunta que não foi feita a Marin, é: por que “todos”?

Os brasileiros e a Copa

De acordo com a última pesquisa, divulgada no dia 24/03, 54% dos brasileiros têm reservas em relação à Copa do Mundo, que será disputada no país entre junho e julho, e acreditam que a organização será regular ou ruim. Segundo pesquisa elaborada pela Datafolha e publicada pelo jornal Folha de S. Paulo, 30% consideram que a Copa será regular, 8% ruim e 16% “péssima”.

A pesquisa reflete que 33% dos brasileiros consideram que o campeonato

será “bom” e os outros 13% restantes acham que será “ótimo” e compartilham a opinião da presidente, Dilma Rousseff, que manifestou em várias ocasiões que esta será “a Copa das Copas”.

Os brasileiros mais otimistas são os pobres e os que têm educação básica, enquanto o pessimismo se estende às pessoas mais instruídas, segundo a pesquisa. De acordo com a enquete, 76% dos indagados disseram ter interesse pelo futebol e 81% asseguraram estar interessados no Mundial.

No entanto, apesar desses números, 49% dos indagados asseguraram que estão “pouco” ou “nada” informados sobre a Copa, enquanto apenas 14% se declararam informados ou muito informados. A pesquisa foi elaborada com 2.091 entrevistas em 132 municípios do país, realizadas entre terça-feira e quarta-feira, e tem uma margem de erro de dois pontos percentuais.



Seguro: pela revogação de norma do Conselho Monetário

Nem produtores nem entidades foram ouvidas pelo Conselho Monetário



A pedido do setor produtivo rural, a Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) enviou ofício aos ministros Neri Geller (Agricultura), Guido Mantega (Fazenda), Aloisio Mercadante (Casa Civil), e ao presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, em que solicita revogar ou sustar a resolução 4.235/2013. Essa norma do Banco Central (BC) obriga, a partir de 1º de julho deste ano, a contratação do Programa de Garantia da Atividade Agropecuária (Proagro) ou do seguro agrícola para o crédito de custeio a juros controlados das atividades enquadradas no zoneamento agrícola.

A FPA argumenta que essa decisão do Conselho Monetário Nacional foi tomada sem prévia discussão com os produtores rurais e suas entidades de classe e terá impacto nos custos de produção e na qualidade dos serviços prestados pelas seguradoras que operam no ramo agrícola, atividade que envolve riscos climáticos e de volatilidade de preços. Por essa razão, o seguro agrícola conta com apoio governamental e, mesmo assim, são poucas as seguradoras que operam no ramo.

Segundo a direção da FPA, a obrigatoriedade da contratação

do seguro desestimulará as seguradoras a oferecerem modalidades mais adequadas às demandas dos agricultores e facilitará a venda casada de seguro com a contratação do crédito, transformando-o em um custo para o produtor, mesmo não atendendo a seus interesses de cobertura securitária.

“No Brasil a subvenção ao prêmio tem estimulado o aumento da área segurada, mas ainda são poucas as seguradoras que se interessaram em oferecer seus produtos ao setor rural. Além disso, há um hiato entre as coberturas oferecidas e as pretendidas pelos produtores”, afirma Luiz Carlos Heinze, presidente da FPA.

Além do mais, segundo a FPA, não há garantia de subvenção econômica para 100% do seguro que vier a ser contratado e nem as seguradoras têm garantia de conseguir resseguro para 100% das operações contratadas. Esses dois fatores estimulam a disseminação de uma prática prejudicial aos produtores rurais, que é a de inserir na apólice cláusulas de cobrança integral do prêmio, na hipótese da seguradora não obter subvenção governamental.

A FPA defendeu a suspensão da resolução 4235 do BC “para promover discussões mais aprofundadas da matéria”.

Empreendedor Rural na Pecuária de Corte

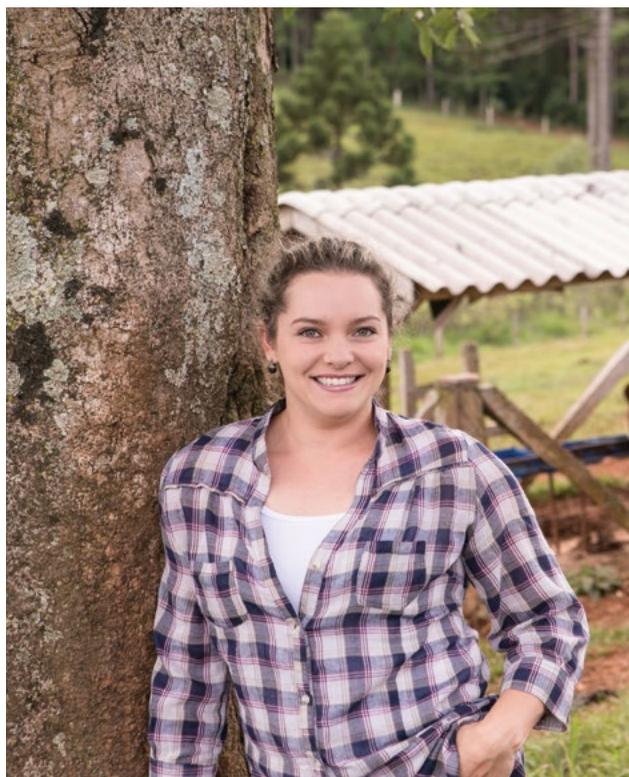
Curso compreende cinco módulos num raio X da atividade



Giovana Piazzalunga Cesário

O SENAR-PR lançou no ano passado o Programa Empreendedor Rural (PER) – Pecuária de Corte. Com 230 horas, a metodologia é dividida em cinco tópicos, que compreendem desde o planejamento da atividade à comercialização da carne. Ao longo do ano passado, nove turmas concluíram o curso em oito municípios: Guarapuava (dois grupos), Pato Branco, Loanda, Umuarama, Cidade Gaúcha, Icaraíma, Santo Antônio da Platina e Londrina. Além de oferecer o be-a-bá da pecuária, o curso também tem despertado o empreendedorismo entre os participantes. É o caso das jovens Giovana Piazzalunga Cesário, de Londrina, e de Luciana Silvestri Araújo, de Guarapuava, que resolveram chutar o balde nas suas profissões e trabalhar nas propriedades da família.

Formada em psicologia, Giovana, 23 anos, trocou o trabalho numa consultoria na área de recursos humanos pela administração das fazendas da família. A troca ocorreu no ano passado ao cursar o



Luciana Silvestri Araújo

PER- Pecuária de Corte. “Sempre passei as minhas férias na fazenda e acompanhei o trabalho do meu pai”, conta. Hoje ela cuida de mais de mil cabeças de gados duas propriedades, uma em Mato Grosso e a outra a 20 quilômetros de Londrina.

Caçula entre os três irmãos (todos advogados), Giovana foi a única a escolher o caminho da sucessão na propriedade. “Eu não tenho muito prática, mas aprendi muito durante o curso”, diz. Para ajudar na administração dos negócios está cursando uma Master Business Administration (MBA) em Agronegócios na Fundação Getúlio Vargas (FGV) que termina na metade deste ano.

Assim como Giovana, Luciana, 30 anos, deixou o cargo de zootecnista na Cooperativa Agroindustrial Aliança de Carnes Nobres Vale do Jordão (Cooperaliança) em novembro do ano passado. Depois de cinco anos no cargo, ela decidiu assumir o comando da fazenda junto com o pai Alceu Araújo. Na propriedade de 450 hectares, a 40 km de Guarapuava, criam 450 bois com genética Angus. E foi

no PER – Pecuária de Corte que Luciana encontrou uma força para assumir uma nova etapa da sua vida. “O curso abriu o meu olho e decidi cuidar do que é da minha família. Eu já tinha conhecimento na nutrição e alimentação dos animais, mas não tinha muito experiência na prática”, observa.

Hoje o foco da produção na fazenda é a criação de bezerras, mas a ideia de Luciana é trabalhar com ciclo completo. E já tem planos para o futuro: “Quero investir no plantio de grãos e certamente farei um curso do SENAR-PR relacionado à agricultura”.

Confira a grade do curso

O programa é dividido em cinco módulos, veja:

• Primeira etapa

Ocupação: Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris

Grupo: Empreendedor Rural

Módulo: Fase I

Objetivo: Desenvolver o poder pessoal dos empreendedores do agronegócio ampliando sua capacidade influenciadora nas transformações do setor e da sociedade.

Conteúdo Programático

O empresário rural e suas competências; Fundamentos econômicos; Especificidade do setor agropecuário; A família e a propriedade rural; Ciclos de vida das pessoas e das empresas; Planejamento participativo das empresas; Globalização e políticas econômicas; Cadeias Agroindustriais; Estratégias de comercialização; Instituições da Agropecuária; A legislação agrária; O setor rural e o meio ambiente; Funções da administração rural; O projeto e as ações futuras.

• Segunda etapa

Ocupação: Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris

Grupo: De Olho na Qualidade

Objetivo: Implantar processos de organização na propriedade rural visando à melhoria da qualidade.

Conteúdo Programático

Princípios da qualidade total nas empresas rurais; Porque desejar qualidade; Conceito de qualidade total; Praticando qualidade; Descarte; Organização; Limpeza; Higiene; Ordem Mantida.

• Terceira etapa

Ocupação:

Trabalhador na Bovinocultura de Corte

Grupo: Gerenciamento técnico bovinos

Módulo: PER bovinos de corte

Objetivo: Calcular os principais indicadores zootécnicos utilizados na pecuária de corte.

Conteúdo Programático

Cadeia da pecuária de corte: números brasileiros e paranaenses; Controle de fluxo periódico do rebanho; Indicadores de resultados: natalidade, desmame, mortalidade, abate, desfrute, produtividade por unidade de área, intervalo entre partos, idade de abate, peso médio da carcaça; Escrituração zootécnica: livros de machos e livros de fêmeas; Anotações e registros; Critérios de seleção: Ganho médio diário (GMD), peso ajustado ao desmame; Influência de alguns índices zootécnicos na rentabilidade da atividade; Controles raciais; Rendimento de carcaças; Introdução ao Programa ABC; Aplicação do ChekList na propriedade.

• Quarta etapa

Ocupação:

Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris

Grupo: Software RuralPro

Objetivo: Utilizar o software Ruralpro visando a administração da propriedade rural.

Conteúdo Programático

Instalação do Software; Apresentação dos recursos do software; Registro das informações; Análise econômica e financeira; Estudo de caso.

• Quinta etapa

Ocupação:

Trabalhador na Bovinocultura de Corte

Grupo: Consultoria bovinos Módulo : implantação de grupo PER bovinos

Objetivo: Discutir estratégias de fortalecimento/ construção de grupo organizado de produtores.

Conteúdo Programático

Certificação da produção; Requisitos do mercado; Organização dos produtores.

TEIXEIRA SOARES



Posse

Em 13 de março foi dada posse a diretoria eleita do Sindicato Rural de Teixeira Soares. Foram eleitos: Lisiane Rocha Czech como presidente; Cleberson Sima, vice-presidente; Ney Giollo, secretário e Erni Reckziegel, tesoureiro. Essa diretoria fica no cargo até 17 de março de 2017. O diretor secretário da FAEP, Livaldo Gemim esteve presente a cerimônia

PRUDENTÓPOLIS



Posse

Tomou posse no dia 07 de março a diretoria eleita do Sindicato Rural de Prudentópolis. Foram eleitos: Augustinho Andreatto como presidente; Romildo Roque Salanti, vice-presidente; Wilson Rickli, secretário e Edgard Pilati, tesoureiro. Essa diretoria fica no cargo até 13 de março de 2017.

MARMELEIRO



Posse

Foi empossada a diretoria eleita do Sindicato Rural de Marmeleiro no dia 05 de março. Foram eleitos: Jorge Luiz Sandini Delazari como presidente; Ari Guquelin, vice-presidente; Arno Dalla Costa e Carlos Henrique Facin, secretários e João Alberto Bandeira e Gelso Rizzo como tesoureiros. Essa diretoria fica no cargo até 05 de março de 2017.

PALMEIRA



Posse

Em 07 de março foi empossada a diretoria eleita do Sindicato Rural de Palmeira. Foram eleitos: Luiz Francisco Belich como presidente; Luiz Eduardo Veiga Lopes Junior, vice-presidente; Fernanda Zanardini, secretária e Vagner Augusto Barausse, tesoureiro. Essa diretoria fica no cargo até 11 de janeiro de 2017. O diretor presidente da FAEP Livaldo Gemim, esteve presente ao evento

ALTÔNIA



Posse

Tomou posse no dia 14 de março a diretoria eleita do Sindicato Rural de Altônia. Foram eleitos: Braz Reberte Pedrini como presidente; Luiz Marochio, vice-presidente; Dorival Pessuti, secretário e José Alvares da Silva tesoureiro. Essa diretoria fica no cargo até o dia 14 de março de 2017.

SÃO JORGE D'OESTE



Posse

Foi empossada a diretoria eleita do Sindicato Rural de São Jorge d'Oeste-PR no dia 14 de março. A cerimônia foi realizada no Restaurante do Bosque Municipal, com a presença de autoridades locais: o prefeito Gilmar Paixão, o secretário de Agricultura José Dell Osbel e representantes do Sindicato Rural de São João, Alcides Quevedo e Jucelino Sovernigo. Foram eleitos: Airton Antônio Cucchi, presidente; Volmir Gaio, vice-presidente; Lorimar Luis Gaio, secretário; e Marcelino Zuffo, tesoureiro.

IRATI



Posse

Em 12 de março foi empossada a diretoria eleita do Sindicato Rural de Irati. A cerimônia reuniu diversas autoridades entre elas o diretor secretário do Sistema FAEP, Nivaldo Gemin, o ex-ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, que atualmente é chefe da Casa Civil do Paraná e representantes da Souza Cruz, Sinditabaco, Afubra e vários produtores rurais da região. Foram eleitos: Mesaque Kecot Veres como presidente; Carmen Lucia Soldan Martins como secretária e Joanito Irineu Zanlorensi, tesoureiro.

ALTO PARANÁ



Posse

Em 28 de fevereiro foi empossada a diretoria eleita do Sindicato Rural de Alto Paraná. Foram eleitos: Luiz França como presidente; Adriana Kuhnen Warmling, vice-presidente; Valmor Pasquali, secretário e Tarcisio Warmling, tesoureiro. Essa diretoria fica no cargo até 03 de março de 2017.

SERTANÓPOLIS



Agrotóxico

O Sindicato Rural de Sertanópolis ofereceu o curso Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos – tratorizado - autopropelido - NR 31. As aulas aconteceram de 14 a 16 de janeiro para um grupo de 13 alunos com o instrutor Eder Paulo Arrabal Arias.

CAMPINA DA LAGOA



Casqueamento

O curso de Trabalhador na Bovinocultura de Leite - Casqueamento de Bovinos de Leite foi realizado pelo Sindicato Rural de Campina da Lagoa. As aulas aconteceram nos dias 13 e 14 de março com a participação de 11 produtores e trabalhadores rurais. O instrutor foi Marcos Cesar Pereira.

MARINGÁ



Derivados mandioca

O Sindicato Rural de Maringá realizou o curso de Produção Artesanal de Alimentos - beneficiamento e transformação caseira de mandioca - básico em mandioca. As aulas aconteceram nos dias 26 e 27 de fevereiro com a participação de 15 produtoras rurais. A instrutora foi Celeste de Oliveira Mello.

PARANACITY



Moop/coletivo

O Sindicato Rural de Paranacity ofereceu dois cursos: o primeiro Condutores de Veículos – DETRAN - movimentação e operação de produtos perigosos – MOPP, nos dias 24 a 28 de fevereiro, foram realizados pelo. Participaram 25 trabalhadores rurais. E nos dias 03 a 08 de março foi a vez do curso de Condutores de Veículos – DETRAN - veículos de transporte rodoviário coletivo de passageiros. Participaram 24 trabalhadores rurais. Os dois cursos foram ministrados por Bruno Bove Vieira e foram realizados em parceria com a Usina de Açúcar Santa Terezinha.

UMUARAMA



Inclusão Digital

Em parceria com a Usina Costa Bioenergia, o Sindicato Rural de Umuarama ofereceu o curso de Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris - Inclusão Digital – nível avançado 24 horas. As aulas aconteceram no período de 05 a 07 de março com a participação de 14 trabalhadores rurais. O instrutor foi Clovis Palozi.

CIDADE GAÚCHA



Inauguração

O Sindicato Rural de Cidade Gaúcha inaugurou no dia 08 de março o Centro de Formação João e Vitória Della Flora. O presidente Adair Joaquim Geraldí, do Sindicato Rural de Cidade Gaúcha, adquiriu com recursos do sindicato um imóvel onde funcionará o centro. A proposta é melhorar as condições de realização dos cursos promovidos pelo SENAR - PR. Após a inauguração do Centro de Formação o sindicato rural ofereceu um café da manhã, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher.

MANDAGUAÇU



Qualidade de vida

O Sindicato Rural de Mandaguaçu promoveu em parceria com a Assistência Social do município, dois cursos de Qualidade de Vida – Idosos, nos dias 14 e 17 de março. A instrutora das duas turmas foi Noremy Carla Zonzini Lattanzio e as aulas aconteceram na comunidade Pesqueiro do Rufatto. O primeiro grupo foi de 16 idosas e no segundo 25 senhoras.

PEROBAL



Gestão Rural

O Sindicato Rural de Perobal realizou o curso de Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris - Software RuralPro no período de 17 a 21 de fevereiro e contou com a participação de 12 alunos. O instrutor do grupo foi Clovis Palozi.

Uma simples foto



Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: imprensa@faep.com.br com seu nome e endereço.

Modelo espanhol

No início dos anos 90, Barcelona passou por uma grande reforma para sediar os Jogos Olímpicos de 1992. Instalou, entre outras coisas, um moderno sistema de tubulações subterrâneas que sugam o lixo e o enviam até uma central de compressão e distribuição. O sistema é inodoro, dispensa caminhões barulhentos (embora eles ainda sejam utilizados para complementar o serviço) e, como o lixo é coletado 24 horas por dia, evita o acúmulo dos sacos nas ruas. Tem um país que vai sediar a Copa do Mundo e as Olimpíadas que também está fazendo inovações...nos atrasos e nos gastos.



Felinos

Homens e gatos possuem a mesma região do cérebro responsável pelas emoções.

- O cérebro do gato é mais similar ao do homem do que ao do cão.
- O gato possui mais ossos do que os humanos. Enquanto o homem possui 206, os gatos possuem 245 ossos.
- A audição dos gatos é muito mais sensível do que a dos homens e cães. Seus ouvidos afunilados, canalizam e amplificam os sons como um megafone.

Mas não é por isso que elas, às vezes, dizem :”vem cá meu gato!”



Para se livrar de chatos

O que você lerá abaixo pode te ajudar quando enfrentar um(a) chato (a) e não tiver assunto. O último item prova que descendemos dos macacos, algo que você poderá comprovar com o chato(a);

- A Arábia Saudita importa camelos da Austrália;
- O coração de uma baleia-azul é tão grande que um humano poderia nadar através de suas artérias;
- Existem mais estrelas no espaço do que grãos de areia em todas as praias da Terra;
- Para cada humano existem cerca de 1,6 milhões de formigas. E o peso de todas as formigas juntas é equivalente ao peso de todos os humanos da Terra;
- Os humanos compartilham 50% de seu DNA com as bananas.

Você é o próximo

Uma loira, desconfiada de que o marido está tendo um caso, compra uma arma para ajustar contas. No dia seguinte, chega em casa e encontra o marido com uma bela ruiva. Ela pega a arma, aponta para a própria cabeça, mas o esposo pula e implora para que ela não se mate. A loira, histérica, responde: “Cala a boca, que você é o próximo!”

Haja espaço

A Basílica de Aparecida é o terceiro maior templo católico do mundo. Seu estacionamento, porém, é o maior do planeta, comporta em torno de 1/4, mais precisamente 26,6%, da frota de 14 mil 995 mil ônibus cadastrados na capital paulista. Quatro mil ônibus podem ser colocados lado a lado, junto com mais de 6 mil carros, em uma área de cerca de 272 mil metros quadrados.



Os oceanos

A delimitação dos oceanos é totalmente arbitrária. Não há acidentes geográficos, como montanhas ou vales submersos, nem separações por correntes marítimas que sejam usados para qualquer tipo de divisão. Seguindo essas regras, a maioria dos pesquisadores reconhece a existência de três grandes oceanos no mundo: o maior deles é o Pacífico, que ocupa 179 milhões de quilômetros quadrados entre a América e a Ásia. O segundo é o Atlântico, cuja superfície de 106 milhões de quilômetros quadrados separa a borda Leste da América do Oeste da África. O menor é o oceano Índico, com seus 75 milhões de quilômetros quadrados confinados entre a África, o subcontinente indiano e a Oceania.



Vapt-Vupt

Os 57 elevadores mais rápidos do mundo estão na torre Burj Khalifa, em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos. São 57 bólidos que se deslocam a 18 m/s, o equivalente a cerca de 65 km/h no megaprédio - o mais alto do planeta, com 828 metros e 160 andares.



“Paraíso”

A prisão de segurança máxima no Colorado (EUA) é a casa de alguns dos terroristas mais procurados do planeta. É considerada pelos próprios detentos como uma espécie de versão do inferno na terra. As celas nunca recebem luz natural e os presos são obrigados a passar 23 horas diárias por lá. Detalhe: sem contato com os outros parceiros.



Enrugados

Porque os dedos se enrugam e voltam ao normal depois de um contato longo com a água. Elementar, meu caro, esse é um ato de equilíbrio energético. É o que garantem os físicos alemães Myfanwy Evans e Roland Roth, das Universidades Tübingen e Erlangen, quer afirmam ocorrer um fenômeno de termodinâmica em que as partes externas da pele “querem” absorver água quando estamos submersos e essa absorção rápida faz com que nossos dedos inchem e enruguem. Se o inchaço não fosse combatido, a pele ficaria enrugada para sempre.

OS ANJOS-DA-GUARDA DAS TARTARUGAS

Criado em 1980 a partir da combinação das sílabas iniciais das palavras tartaruga marinha, o Projeto Tamar-ICMBio é hoje reconhecido internacionalmente como uma das mais bem sucedidas experiências de conservação marinha e serve de modelo para outros países.

Em 23 bases seus 160 técnicos, auxiliados por 280 profissionais, estagiários e trainees que atuam na pesquisa, conservação e manejo das cinco espécies de tartarugas marinhas que ocorrem no Brasil, todas ameaçadas de extinção em cerca de 1.100 quilômetros do litoral brasileiro. Essas bases estão em áreas de alimentação, desova, crescimento e descanso desses animais, no litoral e ilhas oceânicas, em nove Estados brasileiros. A instituição é não governamental, sem fins lucrativos, fundada em 1988 e considerada de Utilidade Pública Federal desde 1996.

Até a sua criação, relatos de pescadores e alguns historiadores constataavam uma redução drástica dessas populações – os pescadores e predadores simplesmente matavam as tartarugas e recolhiam os ovos.

Para proteger as desovas, promover a sobrevivência e a recuperação das populações das cinco espécies, mantendo-as em níveis saudáveis e capazes de cumprir suas funções no meio ambiente, o Projeto Tamar atraiu as comunidades litorâneas. Hoje, também graças à intensa divulgação de suas atividades há batalhões de “anos da guarda” silenciosos e anônimos nesse trabalho exemplar. Aliado a isso houve a tomada de consciência das populações.

As tartarugas marinhas são altamente migratórias, muitas vezes desovando em um país e se alimentando em outro; têm um ciclo de vida complexo e longo, com maturação sexual tardia, após 25 anos, atingindo a idade adulta somente aos 30 anos. Por essas e muitas outras razões, a recuperação de suas populações é lenta. De cada mil filhotes que nascem, somente um ou dois conseguem atingir a maturidade. E enfrentam, como volta e meia aparece na TV, o lixo jogado nos oceanos, como os plásticos que elas confundem com alimento.

As espécies

Das cinco espécies encontradas no Brasil, quatro desovam no litoral - e, por estarem mais expostas, são as mais ameaçadas: cabeçuda (*Caretta caretta*), de pente (*Eretmochelys imbricata*), oliva (*Lepidochelys olivacea*) e de couro (*Dermodochelys coriacea*).

A tartaruga verde (*Chelonia mydas*) está menos exposta, pois desova principalmente nas ilhas oceânicas (Atol das Rocas, Fernando de Noronha e Trindade),

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável _____

SISTEMA FAEP



A versão digital deste informativo está disponível no site:

sistemafaep.org.br